



PORTUGUESE B – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Friday 21 May 2010 (afternoon)
Vendredi 21 mai 2010 (après-midi)
Viernes 21 de mayo de 2010 (tarde)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'Épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

OU EU CANTAVA OU EU DANÇAVA



*A cantora **Kátia Cipriano**, uma das sete integrantes do grupo Fat Family, perdeu 72 quilos desde 2005, quando fez uma cirurgia de redução de estômago. Ela tinha 170 quilos. Hoje, tem 98. Kátia disse à repórter Heloisa Joly que, depois da operação, precisou de terapia para não voltar a engordar.*

Repórter [– X –]

❶ **Kátia** – Nada sério, mas meus joelhos doíam, meus pés viviam inchados e eu não conseguia correr atrás dos meus filhos, que são pequenos. Não encontrava roupa mais nem em loja para gordo. Agora, voltei às compras.

Repórter [– 2 –]

❷ **Kátia** – Tenho mais disposição no palco, né, minha filha? Com 170 quilos, ou eu cantava ou eu dançava. Dançar, aliás, era me mexer um pouquinho para os lados.

Repórter [– 3 –]

❸ **Kátia** – Uma psicóloga e uma nutricionista me ajudam. Vou passar o resto da vida tendo que comer coisas saudáveis. O mais difícil foi abandonar a mentalidade de gordo.

Repórter [– 4 –]

❹ **Kátia** – Quem engorda depois da cirurgia é porque continua com mente de gordo. Ocupa o que sobrou do estômago com refrigerante, sorvete...

Repórter [– 5 –]

❺ Dois dos seus irmãos também já fizeram a cirurgia e uma de suas irmãs a fará neste ano. Vocês deixarão de ser a Fat Family?

Kátia – Não, minha filha, a gente nunca vai ser magrinho. É coisa de estrutura óssea.

Heloisa Joly, *Veja*, Editora Abril, Rio (17 de Janeiro, 2007)

TEXTO B

Esta história é sua também

Ela chegou ainda menina; ele nasceu no estado de São Paulo, mas vivia como se estivesse na terra do sol nascente. Na vida de Michiko e Alfredo, ressoam ecos do movimento social de imigração que fez do Brasil o porto seguro da maior comunidade de descendentes de japoneses do mundo. Um caso de amor – de uma família pelos quatro filhos e de um povo por dois países.

❶ Nas noites claras Miyako e Asagoro Wada sentavam-se com os quatro filhos no quintal de sua casa, na Província de Nara, região central do Japão, para juntos apreciar a lua cheia. “Minha mãe lia poesias para nós e meu pai rabiscava com um ramo de bambu um círculo no chão, o globo terrestre”, recorda Michiko Wada Ando. “Ele desenhava o irmão que havia imigrado para o Brasil em cima da Terra, em pé, e nós, embaixo, todos de ponta-cabeça.” Asagoro fazia, então, o sol e a lua e explicava aos filhos por que no Brasil era dia e no Japão noite. “Eu era pequenininha e ficava pensando: é só abrir um buraco que vou parar no Brasil! Eu já tinha vontade de conhecer o país.”



❷ Em 31 de agosto de 1957, a família Wada embarcou no *Burandiru Maru* [– X –] direção ao país que faria parte do imaginário de todos. Do convés, ao lado de centenas de outros imigrantes, os seis lançavam fitas coloridas aos parentes e amigos no porto – uma tradição japonesa de despedida. Michiko, [– 9 –] poucos dias depois completaria 10 anos dentro do navio, chorou muito. “De emoção, não de tristeza. Nós tínhamos muita esperança, finalmente partíamos [– 10 –] uma terra que nos acolheria.” A vontade era enorme, [– 11 –] a adaptação foi árdua. Costumes, comida, clima diferentes e, principalmente, a língua portuguesa, que, num primeiro momento, parecia impossível de aprender.

❸ Hoje, integrada e formada (orientadora pedagógica), casada com Alfredo Fumio Ando, filho de japoneses nascido na região de Cotia (SP), formado em contabilidade, realizou seu grande sonho: ter quatro filhos nipo-brasileiros e vê-los todos formados em boas faculdades públicas. Marlene, 31 anos é engenheira de alimentos; Ana, 30, designer gráfica e arquiteta; Fernando, 28, engenheiro de produção e economista; o caçula, Alfredo, 27, formou-se médico anestesiológico. Michiko e Alfredo aguardam agora a chegada dos netos. “Quando entrei no *Burandiru Maru*, aos 9 anos, não tinha idéia do que me esperava, mas decidi que o Brasil seria minha nova terra. Amo este país.”

Claudia magazine, Patrícia Negro, (Fevereiro de 2008)

TEXTO C

PARA ALÉM DO HYPE

❶ “Lá fora, procura-se o fado e a música tradicional portuguesa, mas nós fazemos música inglesa ou norte-americana. Ora se eles já têm as bandas deles, para que é que vão buscar uma banda de cá?” Boa pergunta de João Vieira*. Até porque o problema não é só dele, ou dos seus *X-Wife*, mas de toda a fornada de bandas portuguesas que, desde finais do século passado, passou a cantar em inglês. Ele põe a questão porque tem uma resposta. “Nós somos uma banda para o mundo, mas não vamos “estressar” com a necessidade de vingar no estrangeiro. Aconteceu muito nos dois primeiros discos, isso de pensarmos que a nossa música é lá para fora. Agora, estamos é interessados em fazer um bonito trabalho. O que interessa é o produto. Não é ter cunhas, conhecer as pessoas certas ou ter a roupinha adequada.”



❷ Mudança de atitude é, portanto, a notícia que acompanha o lançamento de *Are You Ready for the Blackout?* Uma mudança natural ao terceiro álbum do trio portuense, lançado após seis anos de estrada e perto de duzentos concertos. João Vieira fala dos frutos da experiência. “Acho que somos uma banda já com muito bom nível, à altura de muitas bandas internacionais, e isso constata-se nos festivais. As pessoas já não vêem grande diferença de qualidade entre o português e o estrangeiro.” Este será, então, o disco da maturidade dos *X-Wife*? João Vieira diz que sim, mas... “Sempre que me falavam em álbuns “maduros”, isso assustava-me bastante porque quase sempre queria dizer que eram chatos. Mas este álbum é, de facto, o nosso mais maduro, mas também o nosso melhor. Nota-se uma evolução muito grande em termos de escrita de canções, de produção. Foi um álbum muito mais trabalhado. Também achamos que vai para um público mais amplo, os outros dois eram mais alternativos. Este disco respira muito mais.” A maturidade do novo dos *X-Wife* responde também a outra ambição. “Quisemos fazer um disco intemporal, que daqui a quatro ou cinco anos não pareça datado. Queremos sair do meio alternativo e abranger outro público. Já merecemos estar noutra dimensão.”

* João Vieira: músico português, integrante da banda *X-Wife*

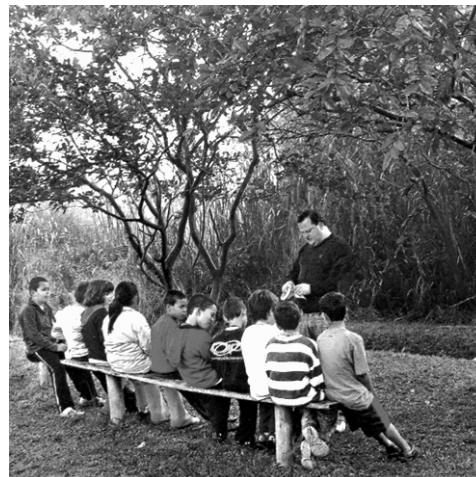
Luís Maio, *Vogue*, Lisboa (Outubro de 2008)

TEXTO D

LIÇÕES DA NATUREZA

São sete e meia de uma manhã ensolarada no sítio “A Boa Terra”, em Itobi, a 250 km de São Paulo. Mesmo de longe, quase dá para ouvir o burburinho das 30 crianças que estão chegando num velho ônibus cor de laranja para um encontro de alfabetização ecológica do Projeto Jardineiro.

Acompanhados pela profesora, esses alunos da 3ª série trocam a lousa da sala de aula pelos gramados e plantações orgânicas do sítio a cada 15 dias. Ali, praticam Matemática contando grãos de soja e fazendo estimativas; entendem regras de Português estudando poemas inspirados nos ritmos da natureza; visualizam Geografia na aula à beira do rio. “Trabalhamos com as matérias do currículo escolar mas, acima de tudo, buscamos despertar nessas crianças o amor pela natureza, reforçando o vínculo entre elas e o lugar onde vivem”, diz Tini Schoenmaker, que idealizou o Projeto depois de um curso no Centro de Alfabetização Ecológica (Center for Ecoliteracy), na Califórnia, nos Estados Unidos. Também de lá veio a idéia de um jardim educacional de hortaliças, que está sendo preparado para que as crianças aprendam de onde vêm os alimentos e experimentem seu plantio, colheita e preparo.



Junto com o marido, Joop, Tini criou muitas outras iniciativas que, desde 2005, acolheram mais de 14 mil pessoas, entre crianças, jovens e adultos, nos diversos programas ecológicos do sítio. Tudo começou há 27 anos, quando ela e o marido convidaram outros dois casais para formar uma comunidade rural: “A Boa Terra” nas terras doadas pela empresa dos pais de Tini, a Terra Viva.

O grupo encarou um ambicioso projeto social: a Atrai, Associação de Trabalhadores Rurais de Itobi, que, como em uma reforma agrária, destinou um hectare do sítio para cada uma das 66 famílias carentes que se inscreveram no programa. Nos 100 hectares restantes de área cultivável, o grupo semeou o sonho de viver de forma auto-sustentável. “No início vendíamos cestas de frutas, verduras e legumes na região, usando charretes. Hoje, temos 20 distribuidores que entregam cestas como essas todas as semanas, em 800 residências, a maioria da capital paulistana”, diz Joop.

Além de ter ajudado os moradores carentes da região a arrecadar fundos e a construir mais de 100 casas em mutirão, Tini ainda criou a ong Fermento e Sal, que incentiva o trabalho voluntário e, há oito anos, organiza uma serenata natalina nos pátios do presídio da região.

Cristiane Assis, *Marie Claire*, Editora Globo, Rio (Texto adaptado) (Setembro de 2008)